



POR ELIZABETH DE CARVALHAES,
PRESIDENTE EXECUTIVA DA ASSOCIAÇÃO
BRASILEIRA DE CELULOSE E PAPEL (BRACELPA)
✉: FALECONOSCO@BRACELPA.ORG.BR

GOVERNO ACENA COM BOAS MEDIDAS PARA O SETOR

O governo federal sinalizou que atenderá às demandas do setor de celulose e papel no que se refere a questões tributárias nos mesmos moldes do automotivo, para vigorar em 2013. A boa notícia, mesmo que ainda sem detalhes, traz novo ânimo para a indústria brasileira de celulose e papel, que vem perdendo competitividade principalmente no mercado internacional.

A receita de exportação do setor foi de US\$ 3,9 bilhões de janeiro a julho, contra US\$ 4,1 bilhões no mesmo período do ano passado, ou seja, uma queda de 6%. Em volume, também comparado com 2011, a celulose cresceu 2%, e o papel recuou 4,4%.

Temos falado sobre o assunto e vale reforçar que o produto brasileiro se tornaria muito mais competitivo – em especial no mercado internacional – com a inclusão da celulose no Regime Especial de Reintegração de Valores Tributários para as Empresas Exportadoras (Reintegra), que prevê devolução de valores referentes a custos tributários residuais existentes nas cadeias de produção, limitados a 3% do valor exportado, e também com a desoneração da folha de pagamento, que substitui a cobrança de 20% sobre a folha por recolhimento de 1% sobre a receita do mercado interno.

Esses são os principais pleitos do setor ao governo federal, cujas autoridades da Fazenda já deram parecer técnico positivo para ambos. A desoneração da folha de pagamento, segundo informações do próprio governo, se dará via Medida Provisória (MP) que esperamos seja encaminhada ao Congresso Nacional ainda em setembro. Essa MP deve incluir outros setores produtivos no benefício.

É importante frisar ainda que as medidas do governo para preservar a competitividade da indústria e do mercado brasileiro são de extrema importância em face de uma crise econômica global que pressiona as

receitas das empresas nacionais e, conseqüentemente, afeta o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB).

A despeito de o Brasil se manter equilibrado, na medida do possível, o cenário internacional continua incerto: o mercado europeu segue desaquecido, os Estados Unidos ainda têm altos índices de desemprego e o movimento na China é bastante oscilante. Por isso, recuperar receita no comércio exterior neste semestre representa um grande desafio.

Mais do que tratar dos reflexos imediatos, no entanto, os incentivos federais virão como um sinal positivo, inclusive para as ações previstas antes da crise, como o plano de expansão do setor para oito anos, anunciado em 2011, com investimentos da ordem de US\$ 20 bilhões, que começava a perder fôlego. A retomada desses investimentos certamente ficará mais próxima com a desoneração da folha de pagamento e o Reintegra.

Independentemente de incentivos, a indústria brasileira vem há anos fazendo pesados investimentos em tecnologia, pesquisas e instalações. Um parque industrial moderno tem garantido ao setor uma posição de destaque no mercado mundial, tanto em celulose quanto em papel. Produzir mais com menor custo e ainda incentivando a sustentabilidade em toda a cadeia produtiva tem sido o objetivo das empresas.

Manter essa posição de protagonista em melhores práticas no cenário global, que traz prestígio para o Brasil, é outro desafio que a indústria tem pela frente. Por isso, as precauções para atravessar esse período de turbulência devem ser adotadas rapidamente, para que, ao final, o mercado não fique desarrumado. A parceria com o governo é indiscutivelmente benéfica e necessária para ambos: ganham as indústrias, ganha o mercado e, conseqüentemente, ganha o País. O importante é o setor estar pronto para, no momento mais adequado, pôr em curso os planos já traçados e expandir-se. ■